



**III SEMINÁRIO NACIONAL
ESPAÇOS COSTEIROS**
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

Dinâmica pesqueira de Gamboa no mundo rural costeiro do Município de Cairu-BA

Luis Henrique Couto Paixão

Doutorando em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social pela UCSAL, Bolsista FAPESB
paixao.lh@gmail.com

Cristina Maria Macêdo de Alencar

PhD em Ciências Sociais do Desenvolvimento, Professora adjunto IV da UCSAL
cristina.alencar@ucsal.br

Manuel Vitor Portugal Gonçalves

Doutor em Geologia pela UFBA
zoovitor81@yahoo.com.br

Resumo

Tendo o Município de Cairu como lócus de um mundo rural costeiro, o presente trabalho objetiva revelar a dinâmica dos modos de vida da localidade de Gamboa, situada no norte de Cairu, frente à atual situação do município. Partiu-se do entendimento que o mundo rural na atualidade é complexo em pluriatividade e modos de vida, cujas características expressam as relações cotidianas resultantes de um longo processo de desenvolvimento. No caso de Cairu, as características ambientais ilhéus, no contexto de ações político-econômicas articuladas por múltiplas escalas, integram a atual tessitura municipal, marcada pela presença resiliente da pesca frente aos diversos fatores que contribuem para seu enfraquecimento. Além dos procedimentos de pesquisa bibliográfica, as amplas pesquisas de campo (realizadas entre os anos de 2013 e 2015) através de observação, iconografia e entrevistas a lideranças locais, pescadores e população, possibilitaram identificar nas dinâmicas existentes que a atividade pesqueira na localidade se expressa simbolicamente e concretamente no cotidiano; bem como ainda está viva e é praticada mantendo muitas de suas características passadas de geração em geração demonstrando a tradicionalidade local. A este resultado denominamos resiliência diante de impactos significativos decorrentes das mudanças no perfil produtivo da localidade pela dinâmica atual de desenvolvimento do município.

Palavras-chave: Mundo rural costeiro. Dinâmica pesqueira. Modos de vida. Resiliência.

1. INTRODUÇÃO

O município de Cairu compõe um espaço de grande diversidade, tanto cultural, socioambiental e econômico, marcado pela relação entre a população e a natureza. Sua dinâmica passa por um processo de transformação expressivo, sobretudo pela expansão do turismo e da exploração petrolífera no litoral oceânico, de modo a proporcionar ao município um conjunto de modificações em suas dinâmicas.



**III SEMINÁRIO NACIONAL
ESPAÇOS COSTEIROS**
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

A atividade pesqueira está presente em todas as localidades de Cairu, tornando-se a principal fonte de renda e modo de vida para boa parte da população, definindo seus traços de identidade e cultura no local. Tal atividade pode ser desenvolvida devido, em especial, aos aspectos ambientais de sua zona costeira, constituída por grandes recifes de algas coralinas e manguezais, basilares à estrutura trófica e a biodiversidade costeira e marinha, servindo de berçário e à manutenção dos estoques pesqueiros, e ao processo histórico no qual isolou a população local, fazendo com que as mesmas intensificassem suas atividades culturais e econômicas para o mar.

O município é constituído por diversas localidades as quais compõe o seu atual mundo rural. Tais localidades possuem diferenças em suas infraestruturas, as quais são influenciadas principalmente pela proximidade do continente e presença do turismo. Um desses povoados é Gamboa, situado ao norte da Ilha de Tinharé (Figura 1), composta por diversas atividades econômicas, destacando-se a pesca. Tal povoado desde seu surgimento teve a pesca como fonte de sobrevivência da população, porém com a chegada do turismo passou a coexistir e tentar se adaptar a essa dinâmica, que de um lado pode trazer benefícios, mas acima de tudo promove a perda de espaços de pesca e liberdade. Assim, surge o questionamento que direcionou o trabalho: qual a atual dinâmica da atividade pesqueira na localidade de Gamboa, frente às modificações que vem ocorrendo no município de Cairu?

Por se tratar de informações em escala local e de uma atividade que ainda possui poucas informações (aplicáveis na investigação sociológica e científica), priorizou-se os dados obtidos na pesquisa de campo realizada entre os anos de 2013 e 2015. Essa pesquisa contemplou a aplicação de entrevistas a lideranças locais, aos pescadores e a população, além da observação direta e iconografia. Vale ressaltar que para a compressão dos dados (qualitativos e quantitativos) levantados em campo utilizou-se a análise de conteúdo, bem como a tabulação dos dados qualitativos.

2. O MUNDO RURAL COSTEIRO CONTEMPORÂNEO

Os espaços rurais são aqueles que durante o processo de modificação da sociedade passaram a ser vistos como oposto ao urbano, principalmente por este possuir configurações diferentes, como a presença de atividades econômicas das quais a natureza



III SEMINÁRIO NACIONAL
ESPAÇOS COSTEIROS
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

era sua principal fonte de exploração direta e também fio condutor da vida. Essas diferenças foram interpretadas como dicotomia (CARNEIRO, 2012) e alimentaram um grande imaginário de um rural agrícola, cujas análises direcionaram as ações de políticas públicas para as populações que habitam estes locais. Essa visão dicotômica tem influência na antiguidade clássica (WILLIAMS, 1989) onde afirmava que:

A ‘forma de vida campestre’ engloba as mais diversas práticas – de caçadores, pastores, fazendeiros e empresários agroindustriais -, e sua organização varia ao feudo, do camponês e pequeno arrendatário à comuna rural, dos latifundiários e plantations às grandes empresas agroindustriais capitalistas e fazendas estatais. Também a cidade aparece sob numerosas formas: capital do Estado, centro administrativo, centro religioso, centro comercial, porto e armazém, base militar, polo industrial (WILLIAMS, 1989, p.11).

Tendo a compreensão de que o capital e suas diversas faces consegue transformar os espaços gerando novas dinâmicas e sobretudo modificando e resignificando as anteriormente existentes, pode ser admitido que o rural também atravessou um profundo processo de transformação. Logo, suas atividades produtivas e suas dinâmicas de vida são ressignificadas, passando a incorporar novas características. Santos (2001; 2008) vem apontar que os elementos da configuração espacial desses espaços são modificados, embora as suas formas continuem, mas as suas funções são reeleboradas de acordo com as novas necessidades da sociedade.

Nesse sentido, cabe aqui o destaque para o rural que sofreu um processo de ressignificação, deixando de ser um local onde a atividade agrícola era o elemento definidor (GRAJALES et al., 2006), porque esse foi concebido até o século XIX como espaço fornecedor de alimentos e matérias primas para o urbano (SANTOS, 2008; CARNEIRO, 2012). Essa nova visão está atrelada aos estilos de vida do urbano que passaram a ver o rural como refúgio de vida da cidade, por este ser um espaço com uma grande diversidade natural (HENRIQUE, 2009) e influenciada pelo pensamento ecológico (CARNEIRO, 1998). Tal valor simbólico (REMY, 1989 apud CARNEIRO, 2012, p.8-9) será dado a partir da presença da natureza neste espaço e que passa a ser utilizada com o objetivo de contemplação, o que culminou com o surgimento da indústria turística e cultural (CARNEIRO, 1998).

Para Wanderley essa será uma das funções que o rural passa a ter:



**III SEMINÁRIO NACIONAL
ESPAÇOS COSTEIROS**
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

Uma primeira, que atribui prioridade à destinação produtiva do meio rural, [...] Uma segunda posição associa o meio rural a uma melhor qualidade de vida a que pode aspirar ao conjunto da sociedade, inclusive e, sobretudo, os habitantes das grandes áreas metropolitanas. Assim, os espaços rurais deixariam de ser propriamente produtivos para se tornarem um espaço de consumo, voltados, sobretudo, para as atividades relacionadas às funções de residência e de lazer, que vão desde as diversas formas de turismo rural até a ocupação do campo, para se tornarem um ‘patrimônio’ da sociedade, acessível a todos. Finalmente, uma terceira percepção, também situa os espaços rurais como um bem coletivo, visto agora, não apenas como um lugar de moradia de boa qualidade, mas como parte integrante do patrimônio ambiental a ser preservado, contra todos os usos considerados predatórios, produtivos ou não (WANDERLEY, 2009, p.215-216).

O meio rural é entendido como “[...] um espaço de suporte de relações sociais específicas, que se constroem, se reproduz ou se redefine sobre este mesmo espaço e que, portanto, o conformam como um espaço singular de vida.” (WANDERLEY, 2009, p.297). Vale ressaltar que a compreensão desse rural e do espaço construído através dele deve-se à consideração da dinâmica social inserida naquele local, que foi construída socialmente pelos seus habitantes através de seus laços, sobretudo afetivos (WANDERLEY, 2009). Paulo Freire (1979) qualifica essa dinâmica em que a natureza não é apenas suporte, como modo de configuração do mundo para essas populações. Nesse sentido, e especialmente a complexidade de conteúdos existentes nesse espaço, Wanderley (2009, p.18) o qualifica como mundo rural. Reconhece-se, a partir desses olhares, o processo pedagógico na configuração de determinado projeto de sociedade.

O mundo rural “[...] pode ser entendido como um lugar de vida, que se define enquanto um espaço singular e um ator coletivo”; (WANDERLEY, 2009, p.244-245). Essa nova visão está ligada a uma modificação das referências identitárias, na qual o trabalho deixa de ser o alicerce exclusivo destas relações, para dar lugar às atribuições deste espaço como local de residência também, ou seja, através dos modos de vida que interagem entre si num dado espaço (WANDERLEY, 2009).

A relação de interdependência entre o morador rural com o meio onde vive faz do rural a sua morada da vida (HERÉDIA,1979); bem como a noção que o mundo rural é espaço de vida e trabalho. Vale ressaltar que o mundo rural, por conter vida, é capaz de absorver as conquistas da sociedade e passa a abranger novas atividades econômicas e novos modos de vida, passando a ser chamado do novo mundo rural. Granjales et al. (2006) destacam a presença de novas atividades inseridas nesses espaços como:



III SEMINÁRIO NACIONAL ESPAÇOS COSTEIROS 04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

[...] a. La agroindustria; b. Actividades no agrícolas ligadas a la residencia (fabricación de conservas, muebles, flores); c. Servicios relacionados con el entretenimiento (turismo rural, agro turismo, aportes al mantenimiento y desarrollo de la cultura, etc.) y espacios para el descanso; d. Actividades de pequeñas y medianas empresas manufactureras; e. ‘Nuevas’ actividades agropecuarias localizadas en nichos especiales de mercado; f. Extracción, oferta y cuidado de recursos naturales (minería, entre otras); g. Artesanía; h. Ganadería, i. Caza y pesca (em algunos lugares relacionadas también con el turismo rural); j. Comercio; k. Pequeñas y medianas industrias manufactureras (GRANJALES et al., 2006, p.38).

O perfil contemporâneo das atividades no mundo rural faz emergir novas ruralidades, ou seja, novas relações subjetivas com o rural. Para Concheiro (2006), a nova ruralidade estaria vinculada:

[...] al surgimento de nuevas actividades, nuevos agentes sociales y también nuevos entes regulatorios de los espacios que anteriormente estaban dedicados casi exclusivamente a las prácticas agropecuarias o a la acción política gubernamental. Paradójicamente, tenemos un medio rural más diferenciado y no más homogéneo como hubiera supuesto la versión predominante del enfoque globalizador; donde conviven y se enfrentan espacios productivos ligados a los grandes complejos agroindustriales o a los megaproyectos turísticos con espacios de reproducción social y espacios excluidos, sin un uso económico o de mercado (CONCHEIRO, 2006, p.22).

Os diversos recortes de objeto de pesquisas sobre o rural exigiram reflexões epistemológicas que levaram ao reconhecimento da diversidade que olhares homogeneizantes não permitiam apreender, que como materialidade quer como imaterialidade social e cultural. Dentro esses rurais, existe o costeiro, marcado especialmente pela presença de atividades ligadas ao mar, como é o caso da pesca. Ao contrário dos grupos de agricultores, os quais têm a terra como lugar onde estão expressos seus modos de vida (HERÉDIA, 1979), os pescadores têm o mar como seu território principal e a terra como complementaridade (DIEGUES, 2001), tendo então um território duplo. Nesse contexto, o espaço costeiro qualificado como rural terá o pescador como figura característica deste espaço.

A pesca é uma “[...] atividade humana de caça realizada em grande escala [...]” (DIEGUES, 1983, p.6), que envolve a retirada do produto pesqueiro de um corpo d’água. Por se tratar de um reflexo do conhecimento que o homem tem acerca da natureza (MALDONADO, 1986, p7), a pesca não é só uma atividade responsável pela captura de produtos do mar (DIEGUES, 1983, p.3), mas um sistema dotado de várias relações que englobam a sociedade. Tal atividade estará condicionada aos processos



**III SEMINÁRIO NACIONAL
ESPAÇOS COSTEIROS**
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

naturais, que influenciam a relação homem e natureza, dotado de relações objetivas e subjetivas. Vale ressaltar que, segundo Maldonado (1986), esta atividade econômica se desenvolve por traços de adaptação ao meio, que apontem para uma independência que não constituir uma identidade do pescador.

Assim, a mesma transita como tradicionalidade inserida numa modernidade que carrega impactos positivos e impactos negativos materializados, por exemplo, em riscos e eventos ambientais que afetam essas populações em suas bases produtivas e qualidade de vida. Como sociedade moderna de classes sociais no capitalismo lhe é inerente a produção e reprodução de ameaças e vulnerabilidades assimétricas decorrentes das diferentes condições de apropriação da natureza, como nos espaços costeiro de Gamboa.

Compreende-se, portanto, que o espaço costeiro como lócus de um mundo rural específico é um local constituído por diversos segmentos de ação da sociedade sobre o espaço geográfico, o qual contempla peculiaridades relativas às suas identidades sociais, e dentre elas temos os pescadores junto a sua atividade pesqueira.

3. O MUNDO RURAL DO MUNICÍPIO DE CAIRU

Cairu localiza-se na porção leste do litoral baiano (Figura 1) e sua população é composta por cerca de 15.374 habitantes, segundo o senso do IBGE (2010). Essa população está distribuída entre os espaços urbanos e rurais, dos quais 7.227 moram no espaço rural e o restante no urbano, concentrado em pequenas extensões do município.

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

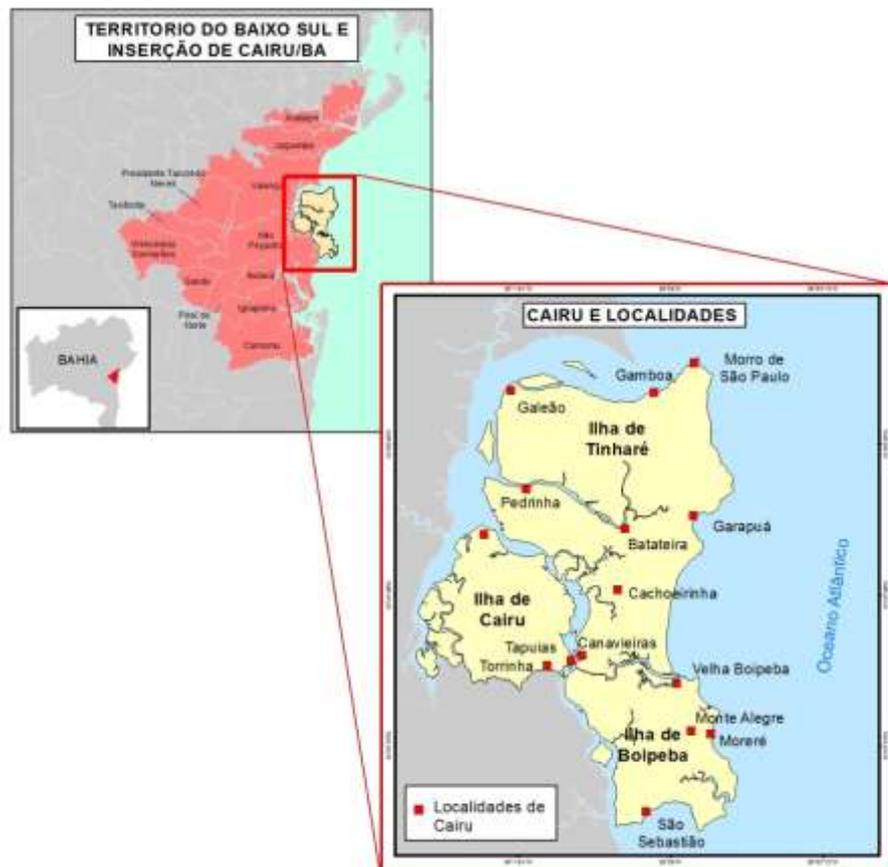


Figura 1: Localização do município de Cairu na Bahia e no Território de Identidade do Baixo Sul.

Fonte: IBGE, 2010, SEI, 2012. Elaborado por Luis Henrique C. Paixão.

Pela espacialização desta população e sua classificação como rural e urbana, observa-se que o território de Cairu tem predominância rural. A presença do urbano, enquanto classificação do IBGE, é apenas registrada nas sedes distritais, como Gamboa, Galeão, Cairu e Velha Boipeba (Figura 2). Porém, o que se observa é uma grande dinâmica rural nesses espaços, que acompanha as dinâmicas de vida e marcando o novo rural contemporâneo onde há presença de atividades não agrícolas e conquistas da sociedade, mas as características que os mantêm como rurais ainda permanecem.

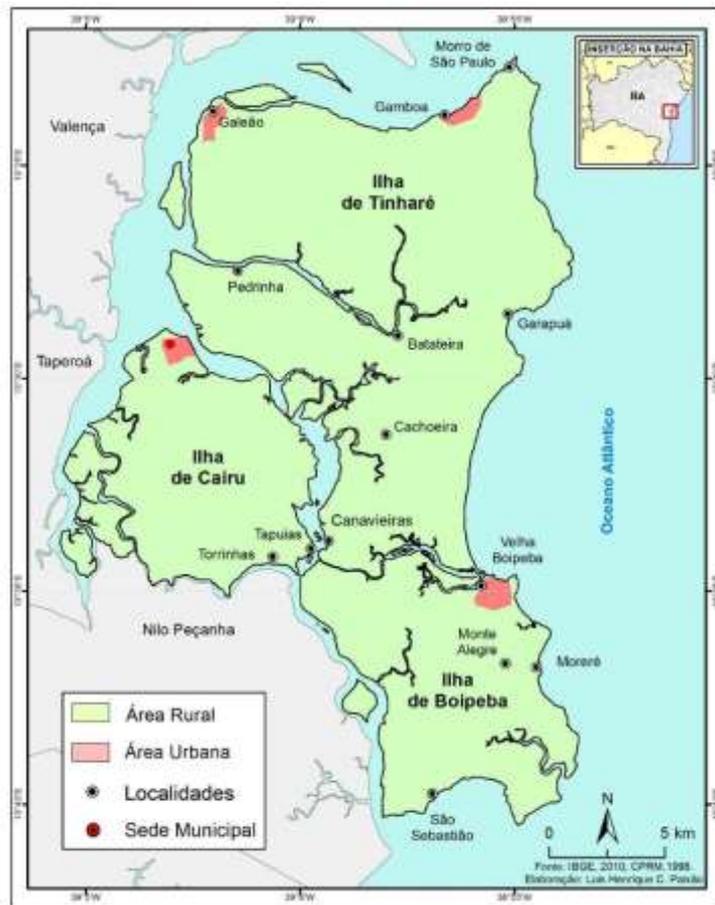


Figura 2: Mapa de divisão urbana e rural do município de Cairu/BA – 2010
Fonte: IBGE, 2010; CPRM, 1998. Elaborado por Luis Henrique C. Paixão.

O mundo rural de Cairu é marcado pela presença da pluriatividade configurando um rural de domínio não agrícola, marcado principalmente pela presença das atividades ligadas ao serviço e também à pesca; existem atividades agropecuárias, mas sem grandes destaques. Dessa forma, a dinâmica econômica do município está concentrada nas atividades ligadas ao turismo, pesca, agropecuária e comércio, como indica a evolução do Produto Interno Bruto - PIB de Cairu (Figura 3). Observa-se que o alicerce econômico municipal sempre esteve nas atividades rurais, expressos nos serviços e agropecuária. Entretanto, a partir de 2007 houve um salto na produção industrial, reflexo da arrecadação de *royalties* advindos da exploração petrolífera na costa oceânica do município. Faz-se perceber então, que não existe uma produção industrial e que o município de Cairu é rural, em sua dinâmica e também em suas produções econômicas.

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

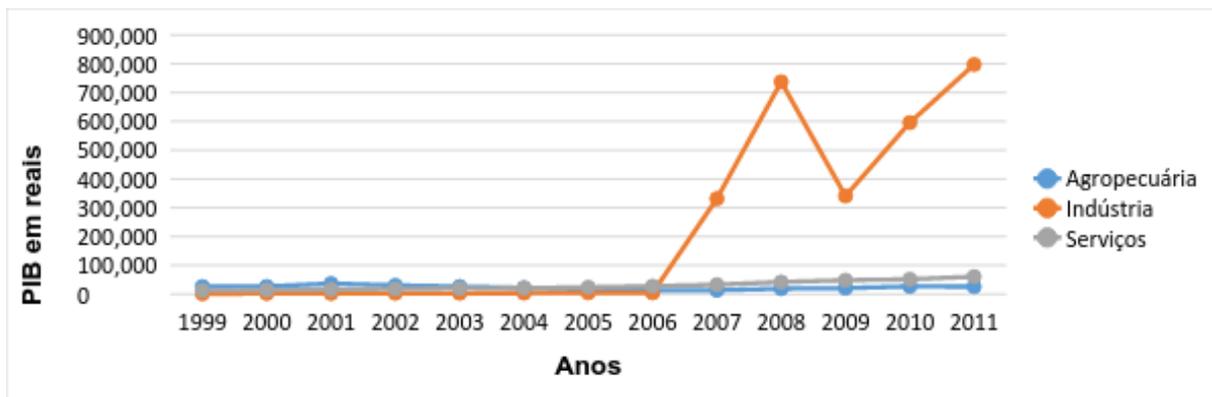


Figura 3: Gráfico da evolução histórica do PIB por setor econômico, do Cairu.
Fonte: IBGE, 2014. Elaborado pelos autores.

O rural de Cairu, em relação a agropecuária, expressa-se quanto as suas produções em números modestos. Assim, o município não apresenta uma grande diversidade de produções agrícolas; produz apenas banana, dendê, mandioca, coco-da-baía, abacaxi, cana – de – açúcar e milho (Tabela 1).

TABELA 1: QUANTIDADE PRODUZIDA LAVOURAS – CAIRU /BA 2014.

PRODUTO	QUANTIDADE
Banana em cacho (t)	1.020
Coco-da-baía (mil frutos)	21.000
Dendê (t)	32.167
Abacaxi (mil frutos)	1.020
Cana – de - açúcar (t)	700
Mandioca (t)	480
Milho (t)	12

Fonte: IBGE, 2014. Elaborado pelos autores.

Na extração vegetal, expresso na tabela 2, Cairu se destaca para a extração de piaçava, da qual o município produziu 7.000 toneladas no ano de 2014, apresentando um decréscimo em relação a 2012 que produziu 11.500 toneladas.

TABELA 2: EXTRAÇÃO VEGETAL E SILVICULTURA – CAIRU/BA – 2014.

PRODUTO	QUANTIDADE
Piaçava (t)	7.000
Madeira em Lenha (m ³)	350
Madeira em tora (m ³)	540
Castanha de caju (t)	18

Fonte: IBGE, 2014. Elaborado pelos autores.

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

A produção pecuária não é diferente da agricultura, em que o município de Cairu não possui destaques em sua produção e segue com pequeno rebanho de asininos, bovinos, equinos, galinhas e suínos. Mas em comparação com o ano de 2012, observa-se uma queda da produção e o surgimento da criação de ovinos, sobretudo na ilha de Tinharé

TABELA 3: PECUÁRIA – CAIRU/BA 2012-2014.

PRODUTO	2012	2014
Asininos (cabeças)	190	190
Bovinos (cabeças)	190	79
Equinos (cabeças)	140	119
Galináceos (cabeças)	8.500	24.000
Muarees (cabeças)	750	-
Suínos (cabeças)	1.250	1.250
Caprino (cabeças)	-	1
Ovino (cabeças)	-	790

Fonte: IBGE, 2014. Elaborado pelos autores.

Na produção pesqueira, no ano de 2006 (último registro de produção), Cairu ficou em 2º lugar entre os municípios do baixo sul que pescam (CEPENE, 2006). Já no número de registros gerais da atividade pesqueira (RGP) disponibilizados pelo Ministério da Pesca (MPA, 2013), verificou-se que Cairu ocupa a 14º posição no ranking baiano, superado por municípios como Salvador (38.801 RGP, no 1º lugar), Salinas das Margaridas (5.177 RGP, no 3º lugar) e Itaparica (2.578 RGP, no 13º lugar). Esses dados revelam a representatividade da pesca, visto que foi identificado que ainda existem notória quantidade de pescadores não registrados, dos quais a maioria utiliza os estuários e o mar (MPA, 2013) como principal local de desenvolvimento de sua prática.

O rural em seus traços culturais está presente em todos os espaços municipais, expressos na cotidianidade através dos eventos festivos, práticas econômicas atreladas aos modos de vida ligados a natureza. A pesca dentro de Cairu está interconectada com o seu passado histórico e sua realidade atual, enquanto espaço de ocorrência de ações por parte dos habitantes e de políticas, capazes de revelar dinâmicas específicas e únicas, que interagem e impactam a vida pesqueira.

4. A DINÂMICA PESQUEIRA DE GAMBOA EM CAIRU

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

A localidade de Gamboa localiza-se na parte norte da ilha de Tinharé (Figura 4). Por se encontrar nessa porção da ilha, próximo a Valença, seu acesso é facilitado fazendo com que haja um fluxo constante (embarcações a cada uma hora, diferente de outras localidades que acontecem a cada um dia ou três vezes na semana) de pessoas na localidade de Gamboa, principalmente pela rota turística rumo a Morro de São Paulo.

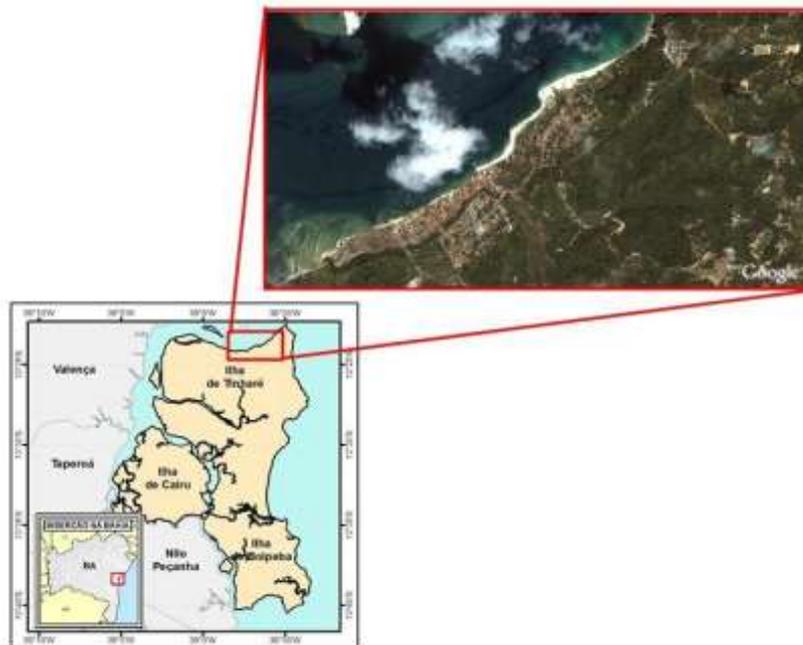


Figura 4: Localização de Gamboa em Cairu/BA.

Fonte: Google, 2014; IBGE, 2010; CPRM,1998. Elaborado por Luis Henrique C. Paixão.

Gamboa é a localidade mais populosa, em quantidade populacional, com cerca de 2.736 habitantes espalhados por 858 domicílios (IBGE, 2010). A ocupação do espaço dessa localidade é diversificada, entretanto na parte litorânea pode ser encontrada em sua maioria casas de veraneio; bem como comércios¹ voltados para o turismo (Figura 5). Na parte interna, são encontrados, em sua maioria, domicílios dos moradores locais.

As atividades de relação direta com a natureza, a exemplo da pesca e mariscagem, são encontradas na localidade de Gamboa, sustentando considerável contingente populacional que vive da pesca de modo exclusivo ou apenas pesca para complementaridade da renda familiar.

¹ Foram encontrados mercados, restaurantes, bares, lojas de roupas, pizzaria, pousadas, hotéis, lojas de lembranças, quiosques.

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano



Figura 5: Rua central com presença de comércio, calçamento e paisagismo.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2014.

A praia é compartilhada por moradores e turistas que chegam a todo momento na ponte, que na verdade é um terminal marítimo com saídas de barcos para Morro de São Paulo ou Valença, com embarcações disponíveis a cada hora. Como infraestrutura turística foram encontradas pousadas, hotéis; bem como restaurantes e bares, estes últimos espalhados pela praia (Figura 6).



Figura 6: (A) Uso da praia por moradores, pescadores, turistas; (B) Hotel com vista para a praia; (C) Infraestrutura de bar e restaurante; (D) Bares.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2013; 2014.

Nas pesquisas de campo, desenvolvida em Gamboa, foram visitados 153 domicílios¹ do total de 858 existentes. Entre os visitados, 42,45% tem pelo menos um pescador como principal fonte de renda, que revela a expressividade da pesca na localidade, mesmo existindo outras possíveis atividades associadas ao turismo. As

¹ Para as pesquisas de campo foi feito um cálculo amostral para Gamboa, com erro amostral de 10% com um nível de confiança em 99%, indicando um número mínimo de 140 domicílios a serem visitados,

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

idades se distribuem entre 41 e 64 anos (Figura 7), sendo que a baixa quantidade de pescadores jovens representa uma ameaça a continuidade da atividade pesqueira, característica do mundo rural costeiro em Gamboa.

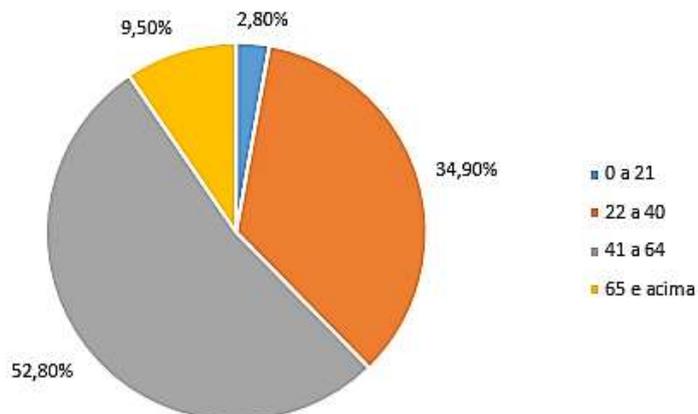


Figura 7: Gráfico de setor representando as idades dos pescadores.
Fonte: Pesquisa de campo, 2014. Elaborado pelos autores.

Na área de estudo, o grau de escolaridade dos pescadores se distribui, principalmente, no ensino fundamental II. Já o conhecimento da pesca se deu principalmente pelo saber informal, passado entre gerações através de amigos e vizinhos, característica forte de comunidades tradicionais pesqueiras artesanais (DIEGUES, 1983). As famílias não são numerosas, em geral, com quatro componentes, cujas moradias são de alvenaria e amiúde com segundo pavimento e muitas dessas reformadas, demonstrando que, em Gamboa, a atividade de pesca é capaz de gerar renda.

Os pescadores, em sua maioria (58,5%), têm uma segunda atividade profissional, relacionada a atividade turística, a construção civil e ao funcionalismo público municipal, os que não possuem, geralmente, o registro de pescador junto ao Ministério da Pesca. Ainda assim, foi verificado que 64% dos pescadores têm carteira da colônia dos pescadores e possuem acesso aos benefícios sociais que o governo lhe proporciona, sobretudo no período de reprodução dos animais e a aposentadoria deles.

Além da função econômica, a pesca exerce conteúdo de identidade social do pescador, como foi revelado nas entrevistas, em que 100% dos entrevistados declararam gostar de pescar. Essa atividade, além de promover o bem-estar e gerar renda, também é



III SEMINÁRIO NACIONAL
ESPAÇOS COSTEIROS
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

apontada como a única opção oferecida a eles durante o processo histórico do município, relativizando-a como escolha individual, inferido da análise das entrevistas.

Para a ilha aqui é ser um pescador ou ser um marinho de lancha. É o que dá resultado (Pescador, 58 anos, 2014).

Nós temos que gostar do que faz, porque a gente sobrevive e tem que gostar disso (Pescador, 53 anos, 2014).

Pois é uma coisa, que tem momento que pega dois, pega um, não tem a pressão de estar trabalhando para os outros, através de exploração, trabalho e eles querem que eu trabalhe mais ainda. Ao mesmo tempo distrai a mente (Pescador, 28 anos, 2014).

Se a profissão daqui é essa (Pescador, 60 anos, 2014).

É um dom de nascença (Pescador, 55 anos, 2014).

Porém, a mesma pesca que traz bem-estar e sustento para a família, ainda possui muitos traços negativos gerados pelas condições em que são realizadas, a exemplo da falta de apetrechos, sobrepesca, pesca industrial e predatória, a irregularidade na disponibilidade de peixe durante o ano, a suscetibilidade a acidentes, a susceptibilidade às mazelas do tempo. Outro ponto observado, foi a exploração petrolífera nas áreas de maiores bancos pesqueiros e a ameaça a danos ambientais irreversíveis nas áreas de pesca. Como destaca o pescador abaixo:

O pescado não tem o suficiente, hoje o pescador faz outra pesca para vê se se sustenta. Já vi gente comprar rede nova, quando chegar lá fora acabar com a rede e não conseguir o dinheiro para pelo menos pagar a rede comprada (Pescador, 37 anos, 2014).

As falas dos pescadores chamam a atenção ao distinguirem a importância da pesca como fonte de renda e como sobrevivência, capaz de sustentar a família, situação que denota a produção material da vida numa economia parcialmente monetarizada, mas fundamentalmente dependente da relação com a natureza, que caracteriza o rural.

É a fonte de vida da gente, e quando não dá, arranjam um bico para ajudar, mas sempre temos a pesca (Pescador, 41 anos, 2014).

A pesca pra mim significa tudo, abaixo de deus ela. se não fosse ela a pessoa leigo, sem saber ler e escrever. e hoje até para ser gari tem que ter curso. se não fosse a pesca, minha família não sobreviveria (Pescador, 53 anos, 2014).

Por ser realizada em uma localidade que nos últimos anos incorporou novas atividades econômicas face às dificuldades que a pesca também proporciona ao pescador, muitos pescadores passaram a desenvolver uma segunda atividade econômica como complementaridade, denotando pluriatividade. Tais atividades, chamadas por eles

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

“bico” estão vinculadas principalmente a construção civil e ao turismo, novas demandas do rural contemporâneo. Também pode acontecer o contrário, quando os indivíduos que desenvolvem outras atividades profissionais regularizadas, com carteira assinada, pescam nos horários opostos a seu trabalho, considerados pescadores em tempo parcial.

Os tipos de pesca desenvolvidos na localidade de Gamboa são diversos (Figura 8), cabendo destaque às camboas, redes e pesca de linha.

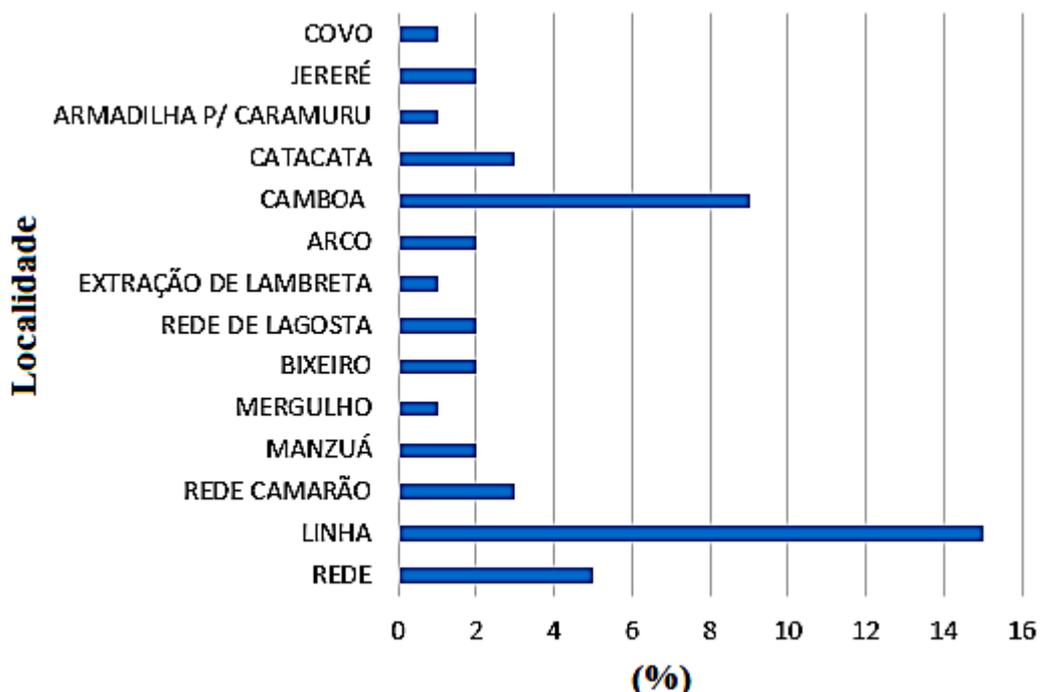


Figura 8: Gráfico de barras que mostra as modalidades de pesca segundo pescadores entrevistados. Fonte: Pesquisa de campo, 2014. Elaborado pelos autores.

Na localidade de Gamboa, o repertório sociocultural de muitos pescadores contempla as camboas (Figura 9), uma das diversas modalidades de pesca. As camboas são armadilhas fixas, feitas com estacas de madeira ou alumínio e com rede em volta, que faz com que o peixe ou crustáceo que entre nela não saia, ficando confinado e facilitando a retirada diária do mesmo através da rede ou manualmente pelo pescador.

No litoral de Gamboa, segundo os pescadores, existem aproximadamente 50 camboas, que fazem parte do litoral da localidade há muito tempo, pertencentes as famílias antigas, sendo repassadas entre as gerações. Vale ressaltar que a exploração das camboas se dá sem conflitos e não se restringe apenas às famílias que têm sua posse,

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

mas aos outros pescadores que fazem a retirada de outras espécies caídas na armadilha e que o dono da camboa não tem considera espécie de pesca, como no caso de siris.



Figura 9: Uso de camboa em Gamboa: (A) Vista panorâmica do cercado de uma camboa; (B) Armadilha de confinamento final, local onde os peixes ficam presos após nadar pela beira do cercamento; (C) Pescador voltando de fazer a “maricagem” da camboa (retirar os peixes).

Fonte: Pesquisa de campo, 2014.

Além dinâmica de parceria, não existe o sentimento de mar como propriedade única. Para os pescadores da localidade, o mar é uma propriedade de todos, desde que haja um uso e exploração consciente. Na fala a seguir, pode ser visto a dinâmica de parceria entre eles, uma colaboração fundada na noção de um espaço de todos.

Todo mundo sabe. Todo mundo fica ajudando os outros. Ai vem um e diz: “peguei um peixe aqui. Fui ali, e peguei muita xumberga, e foi mesmo? e tá dando? Tá! E maréco? A um mês.” E se não vou dizer, não peguei nada! Pra que? só você? e os outros pais de família? (Pescador, 41 anos, 2014)

Embora haja restaurantes locais, boa parte da produção não é consumida pelo local, dando destino principal à subsistência. Outro ponto encontrado foi a participação familiar na qual os filhos e os cônjuges colaboram nas etapas da venda, seleção, armazenamento e descarregamento do pescado quando chega em terra. Vale ressaltar que existe ainda o sistema de parceria entre os pescadores que não têm embarcação com os que a têm. As embarcações utilizadas são os barcos e as canoas de madeira ou fibra.

Cabe destacar aqui à inexistência de apoio financeiro específico ao desenvolvimento da pesca que contemplem os pescadores, sendo notado apenas bolsa família, cheque solidário¹. A pesquisa de campo revelou que os benefícios sociais provavelmente não interferem na dinâmica de pesca em Gamboa, substituindo a atividade produtiva; mantém-se a mesma rotina diária.

¹ O cheque solidário é um benefício dado pela prefeitura a alguns moradores, no valor atual de R\$100,00 para aqueles que têm algum problema de saúde. Tal cheque é utilizado no comércio local

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

Os pescadores entrevistados declararam que não desejam sair das localidades, justificando que os lugares onde moram possuem características que trazem mais benefícios do que perdas, embora ocorram desafios, na atualidade, para a prática sociocultural e econômica da pesca. Isto permite a afirmação sobre a existência de sentimento de pertencimento ao local, próprio de comunidades tradicionais.

Quanto à continuidade do desenvolvimento da pesca, os pescadores revelam que apenas mudariam de profissão se a nova profissão proporcionasse maior rentabilidade e comodidade, que a pesca hoje não proporciona, porém nas horas vagas pescariam por lazer, porque compreendem a mesma também como uma diversão.

O turismo, ao mesmo tempo, possibilita complementaridade de renda e produz impactos negativos às atividades pesqueiras, uma vez que fomenta fluxo intenso de embarcações no litoral. Segundo relatos de entrevistados, em Gamboa, a praia local era ocupada de camboas, mas depois foram retiradas por conta das práticas turísticas. A placa de proibição de pesca na ponte local (Figura 10) mostra como as atividades de cunho turístico sobrepõem as demais existentes naqueles locais; a pesca é transformada de atividade condicionada pela natureza local a proibida pelo capital turístico.



Figura 10: Placa de proibição no atracadouro de Gamboa/Cairu – 2013
Fonte: Pesquisa de campo, 2013.

O turismo passou a ser o novo vetor de desenvolvimento de Cairu, junto a exploração de gás natural. Logo, o espaço que a pesca ocupa se fragilizou, através da tensão e conflitos gerados pelas ações do capital privado, gerando diversos impactos.

Além dos conflitos gerados pelo turismo e produção energética, observa-se também desenvolvimento de práticas pesqueiras não adequadas aos locais,



**III SEMINÁRIO NACIONAL
ESPAÇOS COSTEIROS**
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

principalmente a pesca industrial. Também, existem conflitos com pescadores de localidades adjacentes fora de Cairu, que desenvolvem pesca de arrastão no litoral da localidade, decorrendo em mortandade de diversas espécies. Dos entrevistados, 48% se mostraram contra a pesca nas áreas que circundam as localidades por pescadores de fora, mas estes apontam que tal negatividade está ligada ao tipo de pesca desenvolvida pelos pescadores de fora do lugar.

A atividade pesqueira ainda sofre impacto direto da exploração de gás realizada pela Petrobrás na costa oceânica do município de Gamboa. A pesca, então, vive sob a ameaça de risco ambiental relacionado a possível derramamento de composto químico. Sofrem, igualmente, com as proibições de pesca em determinados perímetros, a exemplo de um dos maiores pesqueiros da costa de Cairu. Configuram-se, desse modo, as condições, ameaças ambientais e vulnerabilidade social da população pesqueira local, quanto as suas características identitárias já descritas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade pesqueira em Gamboa, na parte norte da ilha de Tinharé, na Bahia, caracteriza-se como atividade tradicional rural de uma população de baixa escolaridade, pluriativa e com forte sentimento de pertencimento, que vive o cotidiano tensionado pela dinâmica do desenvolvimento de atividades de capitais externos ao local (turísticas, comércio, petróleo e gás), em direção a reestruturação produtiva desestruturante da produção e reprodução social e material vida dessa população.

Constatou-se, categoricamente, que a pesca é imanente ao espaço socioeconômico e ambiental de Cairu, demarcando a ruralidade desse município. Tal presença tradicional, relacionada com as novas incorporações, ainda se mantém viva e em processo de adaptação, processo complexo que chamamos de resiliência.

Entretanto, foi verificado que a pesca ainda é desenvolvida sob influência de impactos negativos, produzidos a partir de atividades vinculadas ao turismo e a exploração de gás natural, que foram incorporadas como vetor de desenvolvimento. Essa opção política modifica os ecossistemas costeiros, espaços de vida, o que pode



III SEMINÁRIO NACIONAL
ESPAÇOS COSTEIROS
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

redefinir às atividades produtivas, o rural costeiro e as relações sociais na área de estudo, devendo ser mais bem compreendida em novos estudos, com ênfase na pesca.

Esta pesquisa apresentou relevância social e científica, uma vez que a reflexão sobre os dados de campo, em Gamboa, permitiu a compreensão que a pesca, entendida como atividade e modo de vida, está inserida nas dinâmicas existente no mundo rural em constante transformação, podendo se expressar como ruralidade em transformação.

Referências

CARNEIRO, Maria José (Org.). **Ruralidades contemporâneas: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Mauad X; FAPERJ, 2012.

CEPENE. **Monitoramento da atividade pesqueira no litoral nordestino: Projeto ESTATPESCA**. Tamandaré: SEAP/IBAMA/PROZEE, 2006.

CONCHEIRO, Luciano. Los Azarosos Caminos. In: GONZÁLEZ, Mario; HUACUJA, Ivonne (Coord.). **Estudios e investigaciones – nueva ruralidad**. Enfoques y propuestas para América Latina. México: CEDRSSA, 2006.p.17-27.

DIEGUES, A. C. **Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar**. São Paulo: Ática, 1983.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 4 o ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GRAJALES, Sergio; ANAGUA, Alex; OCHOA, Karina; CONCHEIRO, Luciano. Nueva ruralidad: em la encrucijada de la globalización neoliberal. In: GONZÁLEZ, Mario; HUACUJA, Ivonne (Coord.). **Estudios e investigaciones – nueva ruralidad**. Enfoques y propuestas para América Latina. México: CEDRSSA, 2006.p.31-69.

HENRIQUE, Wendel. **O direito à natureza na cidade**. Salvador: Edufba, 2009.186p.

HERÉDIA, Beatriz Maria Alásia de. **A morada da vida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MALDONADO, Simone. **Pescadores do mar**. São Paulo: Ática, 1986.

MPA. **A pesca do Brasil**. Disponível em:< <http://www.mpa.gov.br/index.php/pesca>>. Acesso em dez. 2013.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado: Fundamentos teóricos e Metodológicos da Geografia**. 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.



III SEMINÁRIO NACIONAL
ESPAÇOS COSTEIROS
04 a 07 de outubro de 2016

Eixo Temático 1 – Pesca e Aquicultura: produção, trabalho e cotidiano

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 5. ed. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2001. 174 p.

WANDERLEY, M. N. B. **O mundo rural como um espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: UFRGS, 2009. v. 1.

WILLIAMS, R. **O campo e a cidade na história e na literatura**. Tradução de Paulo Henrique Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.